FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

A poesia e o livro didático: uma breve reflexão

B574p

Alzira Bernardino Bezerra

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
RG Nº 5174
Data 16 / 04 / 99

Pontes e Lacerda, junho de 1998.

Trabalho 1997/2
Ex.1

A POESIA E O LIVRO DIDÁTICO: UMA BREVE REFLEXÃO

POR

ALZIRA BERNARDINO BEZERRA

Ensaio Monográfico apresentado ao curso de Graduação em Letras da UNEMAT(MT), como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Língua Portuguesa e Literatura.

Pontes e Lacerda, junho de 1998.

Uma luz de onde se emana ternura jamais se apaga, se estende, se propaga...

Maria Teresa, 1983.

Aos professores e em especial a professora Teresa que acompanhou-me no meu anseio final, como mestra, e como amiga.

As minhas filhas por aflorar-me a força de ir até o fim, dedico este trabalho.

Agradeço a Deus por permitir que sua luz continue brilhando, sua ternura se propagando ao que se sentem desamparados.
Aos meus pais que neste mundo foram os meus primeiros mestres.
À minha família que acompanhou-me, dando força e compreensão.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Dizem que finjo ou minto.
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação
Não uso o coração.

Fernando Pessoa,
Antologia Poética, Ediouro, 1996

SUMÁRIO

I - APRESENTAÇÃO 08

II - QUADRO TEÓRICO 10

- O poema e a poesia 10
- A escola e a poesia 11
- Função Social da poesia 14

III - INTRODUÇÃO A ANÁLISE 17

IV - ANÁLISE DOS POEMAS 19

1.º POEMA: Esse pequeno mundo 19
2.º POEMA: A Terra não é de um dono só 20
3.º POEMA: O Girassol 22
4.º POEMA: São Francisco 24

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS 27

VI - BIBLIOGRAFIA 31

VII - ANEXOS

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
UNEMAT
BIBLIOTECA

I - Apresentação

Ao escolher trabalhar a poesia, especialmente no livro didático, pensei no valor deste, para o estudante do primeiro grau, mais em especial para alunos até a 4.ª série. Nesta fase, o maior contato da criança com a leitura é através dele.

Ao fundamentar-me teoricamente a fim de conhecer melhor o meu objeto de pesquisa, deparei-me com esta citação *Que estranha magia faz com que a criança e o jovem desinteressem pela poesia quando chegam à escola* (Turchi p. 41). Isto fez crescer ainda mais o meu desejo em descobrir o motivo desse desinteresse, se realmente ele acontece e porque acontece.

Depois de certificar-me que a poesia faz parte da vida da criança desde os primeiros anos de idade, uma suposição que já havia em mim e que através de leituras encontrei também na fala de outros autores, reforçou-me o propósito. Segundo Rezende *a criança desde tenra idade, tem uma profunda ligação com a poesia,*(...) *através dos acalentos, das canções de ninar,* eu ainda acrescentaria, nas brincadeiras de rodas, etc. Estas manifestações são encontradas até hoje em nosso meio, mas como diz Walty *sem o estatuto de literatura* porque segundo ela *tais manifestações estão afastadas de nós, porque lhes foram reservado um lugar especial, ora menos prezado, ora engrandecido.*

Tendo acesso a estas informações, interessei-me em ver como o poema é apresentado no livro à criança e de que forma a ação didática desenvolvida, contribui para emocionar o leitor.

Neste estudo uma das minhas finalidades principais é atentar para a visão dos profissionais de ensino, quanto ao trabalho feito com o poema no livro didático, por ser este, organizado por uma classe detentora do poder, (como veremos no decorrer desta análise) e deste modo manipuladora da aprendizagem dos jovens estudantes.

Conforme diz Turchi: *Nas primeiras séries a leitura do poema deve ser lúdica* ao que acrescenta Rezende *e deve entrar na escola(...) sem revestir-se de nada que soe como extraordinário.(1991)* Nesta perspectiva e nesta concepção inovadora, de que a criança se entusiasma bem mais com a leitura do poema, do que com a leitura do texto em prosa quero analisar o trabalho feito com a linguagem e com o conteúdo do poema em sala de aula.

Parto, do pressuposto de que a linguagem dos poemas se define por uma natureza contida na relação das palavras, que são percebidas nas camadas sensíveis da linguagem e sensibilizam a alma infantil, pela riqueza da potencialidade lúdica da poesia. É sabido também que a criança, procura o livro como uma forma de recreação, para adquirir conhecimentos, em busca de novas realidades que enriqueçam seu mundo interior e este em vez de conduzi-la à apreciação e gosto pela leitura, mata este desejo infantil com *objetivos vários,* que desestimulam o interesse da criança pela leitura.

Se o poema tem, a função de, *aumentar o conhecimento e a vivência do mundo através das palavras* (Cunha, 1991,p. 123) é preciso que se pense no

trabalho efetivado junto ao poema no livro didático e na maneira de conduzi-lo em classe, para que se cumpra a função da poesia no contexto psicológico, histórico e social do aluno. Que a criança seja aperfeiçoada em seu convívio social e preparada para participar como sujeito do seu universo.

Atividades obrigatórias, como as existentes no livro, não fazem sentido ao aluno. É preciso que tanto o aluno quanto o professor se sensibilizem com a leitura do poema. Para despertar essa emoção todas as atividades devem estar ligadas ao seu interesse para que haja apreciação e gosto. E para isto é preciso dar-lhe uma série de motivos que o estimulem e que façam sentir como uma necessidade.

Como é na escola primária e na sala de aula, que sem dúvida, a maioria das crianças se inicia em leitura, o livro deveria ser um instrumento através do qual ela, além de aperfeiçoar o domínio da língua materna, pudesse descobrir seu papel social, ampliar sua visão de mundo e, sobretudo, desenvolver o senso crítico frente aos valores já estabelecidos.

UNEMAT
Campus Universitário de Tangará da Serra e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

II - QUADRO TEÓRICO

Já podaram seus momentos desviaram seu destino seu sorriso de menino quantas vezes se escondeu(...)

Wagner Tiso e Milton Nascimento,
Ariola, 1983.

O Poema e a Poesia

Quem nunca se encantou com a leitura de um poema ou nunca se defrontou com uma emoção esquisita que mexesse com os seus sentidos, despertando sua imaginação? Estas situações acontecem, porque ao escrever o poema, o poeta atribui às palavras uma força incomum, estranha, como se das coisas banais elas revelassem um lado escondido, poucas vezes visitado pelo nosso pensamento.

Escrevendo poemas, depurando suas emoções frente às coisas, o poeta abraça o símbolo no seu instante mais vivo - o instante criador - e usando a palavra como arma, procura passar uma visão diferente sobre aquilo que nos cerca.

A profissão do poeta, é armar símbolos, tecer caminhos imaginários sobre a página, organizando as palavras como se fossem contas de um colar. Desta forma é possível sentir que o trabalho que o poeta realiza para moldar e tornar expressiva sua matéria-prima, o poema, tem a finalidade de oferecer ao leitor uma inusitada sensação de intimidade com as palavras. O seu enredo caloroso dentro delas cumpre simultaneamente, o papel de emissor de idéias alheias, retratando e criando experiências dos coloridos mais diversos, que são pressentidas na sua linguagem e no seu conteúdo simbólico. Este encanto que chama a atenção do leitor e que representa algo mais do que o seu significado imediato e óbvio é dado pela poesia, cuja *intenção fundamental(...) é exatamente transmitir esse algo mais que ultrapassa o racional e o consciente.* (Cunha. 1991 p. 124)

A natureza simbólica da poesia dá-se pela necessidade de comunicar algo mais além do concreto, além do que é visto. Esta está nas palavras carregadas de sentido e de expressão do poeta que ao transmiti-la, realiza uma nova realidade, que estimula através da linguagem poética, o vôo da imaginação e, ao mesmo tempo permite conhecer de modo mais autêntico e cuidadoso a própria realidade vivida pelo homem. Através dela escutamos os dizeres escoados de regiões profundas do

ser humano, presenciamos sentimentos desconhecidos e gestos desesperados que são revelados através dos movimentos e densidade semântica que ela adquire. *Na poesia, enfim, a linguagem cumpre de maneira radical e criadora sua função simbólica.*(Fernando Paixão, p. 32) A poesia, segundo Pedro Lyra,

> *é situada de modo problemático em dois grandes grupos conceituais: ora como uma pura e complexa substância imaterial, anterior ao poeta e independente do poema e da linguagem, e que apenas concretiza em palavras como conteúdo do poema, mediante a atividade humana; ora como a condição dessa indefinida e absorvente atividade humana, o estado em que o indivíduo se coloca na tentativa de captação, apreensão e resgate dessa substância no espaço abstrato das palavras.* (Lyra 1996 p. 6)

Já o poema não se caracteriza por tais funções, segundo o mesmo autor acima citado, *este é de modo mais ou menos consensual, caracterizado como um texto escrito (primordialmente, mas não exclusivamente) em verso.*(Lyra 1996 p. 6)

A escola e a poesia

Literatura e educação têm relações problemáticas desde a Idade Média. Segundo Zilberman, até o século 17, a infância não era valorizada. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava.

Para estimular o afeto entre seus membros, foi preciso criar uma nova concepção de família criando assim o modelo familiar burguês. Neste modelo concedeu-se uma consideração especial para com a infância. Esta nova valorização, por um lado, gerou também os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. *Para concretizar tal modelo, fez-se necessário a reformulação da escola e a invenção da literatura infantil que juntas cumpririam esta missão.

Os primeiros textos literários, para criança, foram feitos por professores e pedagogos e tinham finalidade informativa que deram à linguagem, diversos tipos de aplicação, valorização pelos resultados econômicos e sociais, que predominam em sua linguagem prática. Assim a literatura infantil trouxe marcas deste intuito educativo e até hoje, permanece com essa finalidade pragmática, que faz com que participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

> *São estes fatos que tornam problemáticas as relações entre literatura e a educação. De um lado, o vínculo de ordem prática prejudica a recepção das obras: o jovem não quer ser ensinado por meio da arte literária; e a crítica desprestigia globalmente a produção destinada aos pequenos, antecipando à integração pedagógica, sem avaliar os casos específicos. De outro, a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um importante setor para intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Revela-se imprescindível e vital um redimensionamento de tais relações, de modo a transformá-la eventualmente no ponto de partida para um novo e saudável diálogo entre o livro e seu destinatário mirim.* (Zilberman p. 14)

A escola, após essas modificações, passa a ser uma instituição criada para atender a criança, e, estimulada ideologicamente pelo Estado e pelo liberalismo burguês projeta e propaga tal situação. Passa a valorizar a criança como um tipo de indivíduo que merece considerações especiais, transformando-a no eixo a partir do qual se organiza a família. Tais iniciativas, convertem o cotidiano em um convívio harmônico para manutenção de um estilo de vida. Neste convívio, a criança torna-se o reflexo do que o adulto e a sociedade querem dela.

Na idade escolar, a criança é retirada do seio familiar e é levada a conviver numa sala de aula, onde tudo é contrário às experiências que até então tivera. O conhecimento adquirido anteriormente é desconsiderado pela presença do professor que torna-se o centro de todas as atenções. Lá na escola a criança é isolada e silenciada. Não há espaço para interação. Ela interage com os outros somente porque divide o mesmo espaço, mas o direito à livre expressão, não lhe é atribuído. O assunto é sempre apresentado e discutido pelo professor que mecanicamente, conduz todos os alunos, para uma única conclusão: a aceitação do conhecimento e suas manifestações, segundo a visão da sociedade. Desta forma a escola comporta-se como uma instituição encarregada de repassar a ideologia que sustenta o funcionamento do Estado e da sociedade, usando a criança como um objeto de engrenagem, para este fim.

Regina Zilberman (p. 19), descreve assim, a ação da escola:

> *As relações da escola, com a vida são, portanto, de contrariedade: ela nega o social, para introduzir, em seu lugar, o normativo (o dever-ser substituindo o fato real). Inverte o processo verdadeiro com que o indivíduo vivencia o mundo, de modo que não são discutidos, nem questionados, os conflitos que persistem no plano coletivo. Por sua vez, o espaço que se abre é ocupado pelas normas e valores da classe dominante que são transmitidas ao estudante. Em outras palavras é por omitir o social que a escola pode se converter num dos veículos mais bem sucedidos da educação burguesa: pois a partir desta ocorrência, torna-se possível a manifestação dos ideais que regem a conduta da camada no poder, evitando o eventual questionamento que revelaria sua face mais autêntica. É neste momento que a educação perde sua inocência, e a escola, sua neutralidade, comportando-se como uma das instituições encarregadas da conquista de todo o jovem para ideologia que a sustenta, por ser a que suporta o funcionamento do Estado e da sociedade.*

Omitindo o social, a escola rejeita a linguagem poética, que seria a linguagem não alienada, a linguagem que não se prende a uma única forma de ver o mundo. Com relação à linguagem alienada segundo Walty, nós não nos reconhecemos nela. "falamos com a mediação de comunicação imediata e falamos sempre com a mediação de outros discursos", no que concorda Lajolo quando diz que "todas as nossas atividades são mediadas por discursos de outros", querendo dizer assim que fazemos parte deste sistema reprodutor, em que predominam os valores de lucro e competição.

Vivendo metidos numa sociedade em que a realidade é sem unidade, é fragmentada e alienadora, a subjetividade é o que resta para o poeta, fazer da poesia um acorde humano, humanizador frente às coisas. Assim segundo Walty o poeta ao trabalhar as palavras dentro do poema arrumando-as de forma a passar, através de sua linguagem simbólica, uma visão diferenciada do seu significado imediato é acusado de subversivo, porque propõe, desta maneira, outras formas de ver o mundo, que não a imposta pelo sistema e sendo assim, é tido como perigoso para a estabilidade do sistema.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

> A *escola fabrica e divulga tais discursos, preferencialmente científicos e racionais(...) enquanto que(...) a poesia rompe e questiona esses espaços. E o poeta é separado dos outros porque a única maneira de se neutralizar da poesia é dar a ela um estatuto especial que a impeça de 'corromper' as atividades 'produtivas'. Poesia é simplesmente lazer ou é apenas um texto mensurável, pois, não fosse assim, o sistema seria ameaçado.* (Walty p. 87/88)

Função Social da Poesia

Segundo Ivete Walty, a poesia tem uma relação profunda com a sociedade desde a época primitiva. Apesar de ter se transformado radicalmente ao longo dos séculos, a intenção fundamental da poesia é expressar de forma criativa e inovadora a subjetividade do mundo. Em seu sentido vital, diz Paixão, ela liga o homem às suas necessidades básicas de compreender a vida e dar um sentido a ela fundamentalmente pela representação no pensamento dos fenômenos e coisas da vida, através de códigos, imagens ou sinais carregados de significação afetiva e emocional.

O homem primitivo, integrado à natureza, tinha na linguagem um fator de interação e prazer com o que fazia. Através da poesia, do canto e da dança, eles manifestavam suas relações com o mundo. Eram composições curtas, feitas por pessoas do povo após um dia de trabalho, integrando justamente o homem ao seu espaço, que até hoje são encontradas no meio do povo, mas sem ter o estatuto de literatura, porque devido a transformação social e econômica, dividindo a sociedade em classes, forçou a poesia a se restringir ao domínio do poeta, valorizando-se mais a linguagem prática que a linguagem poética.

> *Ao se estudarem as primeiras manifestações literárias de cada povo, pode-se constatar que a poesia nasce com o povo, como atividade diária, e, aos poucos, afasta-se rumo aos palácios e às escolas, para voltar ao povo como manifestação de uma elite cultural responsável pelo saber.* (Walty p. 83-84)

Esta citação feita por Ivete Walty, mostra uma das finalidades, atribuídas à poesia, numa das fases de sua evolução histórica. Segundo Ivete Walty e Fernando P., as transformações ocorridas com a poesia ao longo dos séculos podem ser representadas por três fases.

Em sua fase primitiva, não possuía autoria específica. Sua manifestação dava-se devido a necessidade de integração do homem aos fenômenos da natureza e com as entidades divinas. A linguagem, nesta época, era considerada como único meio do homem se relacionar com o mundo. Não havia divisão da linguagem em categorias e a comunicação entre os indivíduos ocorria como gesto experimentador da linguagem. Era uma autêntica maneira de ampliar a relação entre as palavras e as coisas, fazendo da linguagem um ato puro, onde cada palavra e cada gesto tinha um significado especial, pois nesta fase a poesia nascia com o povo, como atividades diárias, resultado de prazer.

Posteriormente deu-se a segunda fase com a consolidação da classe burguesa e da economia capitalista, no século XVIII. Nesta fase a poesia ganha uma função extremamente preconceituosa. Passa a ser feita por educadores, que deviam obedecer às exigências da sociedade, *elite cultural*, citada anteriormente, para veicular seus principais valores, pois na época deu-se a necessidade de ter-se no mercado, mão-de-obra especializada para o trabalho. Assim com esta evolução histórica e política da sociedade, a linguagem poética deixa de ser um ato de criação, praticado por todos e passa a ter as mesmas características que se verificam nas relações do trabalho. Do mesmo modo como a vida passou a ser governada por regras e leis, proibições e limites as palavras também deixaram de ser instrumento de relação entre os homens e a natureza e passaram a ser na maioria das vezes um instrumento de sedução, de venda, de veiculação de mentiras, um meio de dominação do homem sobre o homem, tornando-se propriedades de alguns.

Ultimamente a poesia, não está necessariamente ligada ao aspecto político-social, no sentido estrito, mas sim no sentido mais amplo do termo político. Em quase todas as suas variantes de estilo, sobrevive a um objetivo semelhante: investigar o real, aumentar o conhecimento e a vivência do mundo. Através dela, o poeta mostra, mesmo sem querer aprofundar-se nas questões sociais, os pontos centrais para reflexão e que estes poderão possibilitar ao leitor uma assimilação significante da experiência que ele quer comunicar. Devido às mudanças que a poesia sofreu, o poeta, insatisfeito, revolta-se contra o caráter desumano e pouco solidário do seu tempo, questiona e tenta despertar no povo o que é viver em comunhão com a natureza.

> *É como se o poeta, guardadas as proporções, mantivesse para si um compromisso idêntico ao dos homens primitivos(...) manter uma relação de continuidade e forte ligação simbólica com a natureza.*(Cunha p. 23)

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

> *Para o poeta, a função essencial da poesia está em que possamos assegurar de que esta nos dê prazer.(...) Para além de qualquer intenção específica que a poesia possa ter,(...) há sempre comunicação de uma nova experiência, ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras - o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade. (Helder Pinheiro p. 17)*

Porém, se por um lado os poetas preocupam-se com os aspectos sociais e políticos ao escreverem poemas, por outro lado a escola permanece ligada à segunda fase que é a de mera repassadora dos ideais burgueses, conforme vimos anteriormente.

III - INTRODUÇÃO À ANÁLISE

O livro didático escolhido para trabalhar esta análise, pertence a coleção "Integrando o Aprender", de Maria Eugênia Belluci e Luiz Gonzaga Cavalcante. 3ª edição - São Paulo: Scipione, 1995. É um livro da 4ª série e está composto de cinco disciplinas: Língua Portuguesa(Português), Matemática, Estudos Sociais, Ciências e Programa de Saúde, isto porque trata-se de uma obra integrada conforme o próprio título sugere.

Analisarei apenas os poemas existentes na parte destinada ao trabalho da Língua Portuguesa, não me ocupando das demais partes, ainda que as mesmas possam conter o meu objetivo de pesquisa: o poema.

A parte destinada ao trabalho da Língua Portuguesa apresenta um sumário composto de vinte textos. A organização dos textos segue um só padrão ao qual o livro foi condicionado.

Cada texto em sua organização compõe-se de uma seqüência de atividades que divide o estudo do capítulo em unidades, predominando a seguinte seqüência: Leitura, Vocabulário, Interpretação, Gramática, Ortografia e Criatividade. A atividade de ortografia não é trabalhada em cinco capítulos apenas.

O livro desde a capa sugere um trabalho intenso de desenvolvimento do raciocínio. A ilustração da capa apresenta um trabalho de união entre crianças que interagem para conseguir montar, um enorme quebra-cabeça. Todas as páginas do livro, vão revivendo este quebra-cabeça. Ao pé de cada página, há o desenho como se fosse um marcador. Para cada disciplina contida no livro é usada uma cor diferente, que abre cada unidade.

A apresentação de cada capítulo é feita com gravura do quebra cabeça ao topo da página e uma só criança, não mais o grupo como aparece na capa, montando o quebra-cabeça, exibindo nas costas da camiseta o número do capítulo em estudo. Nas demais atividades dentro do capítulo, a apresentação é feita também como se fosse uma faixa do quebra-cabeça, mas em cores diferentes para cada parte em estudo e sem ninguém para montá-lo.

Esta ilustração, passa a visão, de que a criança terá que usar muito sua imaginação e o seu raciocínio para poder resolver os exercícios propostos no livro. Para armar o quebra-cabeça a criança terá que reconhecer através de métodos observáveis, as relações entre as peças e poder dar perfeição ao seu jogo. É como se o trabalho no livro fosse assim um aprender pesquisando, descobrindo, brincando, de modo a encontrar a fórmula certa, que o alegraria no final do trabalho. Mas na realidade o trabalho do livro é sempre o mesmo com fórmulas já prontas para serem estudadas e compreendidas, sem direito a comparações e observações. O que vale, é o que está posto. É certo o que já foi definido como certo. O conceito de pensar, analisar, observar e comparar é reduzido pelas atividades mecânicas que o livro traz. Todos as atividades sugerem uma só resposta a que já está presente no livro. Não possibilita ao aluno, o direito de pensar para chegar a uma conclusão feita por ele mesmo.

Na parte utilizada para a pesquisa, há somente quatro poemas, que serão o meu objeto de estudo. É assustador ver que dentre os quatro poemas presentes no livro, somente um está entre os vinte textos que compõem o sumário, como um texto que se enquadra nos padrões da organização à qual o livro foi submetido. Os outros três não possuem esta finalidade. Estão no livro fazendo parte da atividade que fecha o capítulo a "Criatividade", e portanto, relegados a segundo plano conforme diz Pinheiro.

A minha intenção é analisar as finalidades atribuídas ao poema no livro didático. Certificar-me das sua funções enquanto linguagem (poético x prática) ou (utilitária x prazeirosa).

IV - ANÁLISE DOS POEMAS

1º Poema: *Esse pequeno mundo*

O poema "Esse pequeno mundo", de Pedro Bandeira, aparece na página 19. Esta sendo utilizado no livro, com função marginalizada, servindo apenas de fechamento do conteúdo estudado no texto de abertura do capítulo. Nos dois textos o assunto atenta para o mesmo tema "o mundo". A diferença é a forma trabalhada em cada um para falar do mesmo cenário. Mesmo fazendo parte da unidade que se refere a "Criatividade", o sentido do trabalho a ele atribuído não dá este espaço à reflexão do leitor.

A atividade proposta no enunciado "Leia com atenção", não abre espaço amplo à imaginação do leitor. Não quer dizer "leia e releia' com a finalidade de *sentir o ritmo, a repetição, a rima, a força das palavras e das imagens.*(Turchi p. 41). Ler com atenção significa, antes de tudo, ter que usar a imaginação ligada a um ponto, isto é, ler para compreender algo que já foi direcionado. Isto prova que o poema em estudo, não foi colocado *ali por acaso, também não foi utilizado com a finalidade de passar à alma humana a sintonia da linguagem poética com o leitor.* (Rezende p.131) A intenção foi reforçar aleatoriamente o assunto trabalhado pelo texto narrativo, sem crer no suporte significativo que o jogo sonoro deve ter, privilegiando no poema apenas o *jogo pelo jogo, deixando de lado o sentido.* (Pinheiro p.15). Este trabalho direcionando o leitor para um só sentido, reduz a *essência estética da poesia distanciando-a de um sentido que esteja de acordo com a fruição pura e verdadeira.* (Rezende p. 130)

Não só o sentido direcionado pelo livro didático, como a referência ao texto de abertura e o pedido usado na apresentação do poema, *corrompe com o estado mágico da linguagem poética* (Rezende) como também o faz, a gravura utilizada para ilustrar o poema. Essa ajuda oferecida através da gravura de forma agradável, conduz a visão do leitor para o alvo contemplado e serve como subestimadora da capacidade de interpretação do leitor. Atividades como esta atribuem ao leitor um conhecimento direcionado o qual se quer ensinar, ao invés de deixar fluir este conhecimento de acordo com a capacidade e a imaginação de quem lê. Estas atividades submetem os poemas a *uma educação para a vida* atribuindo-lhe uma utilidade instrutiva e não *para a apreciação da vida*(Rezende p. 131). Após ter vivenciado todas as situações ocorridas ao longo do capítulo e que influenciaram sua mente, o leitor lê o poema, como se este estivesse ali para complementar a idéia sobre o que foi apresentado e trabalhado no texto de abertura. Aguçando seus sentidos e refletindo, sobre o conceito real já idealizado, deturpando o irreal, a subjetividade do poema.

Se analisarmos o enunciado que serve de apresentação ao poema, "Leia com atenção e reflita" e retirarmos a palavra atenção, o restante do enunciado dará ao leitor outro sentido de carga menos persuasiva, cabendo ao leitor, o direito de

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

usar sua imaginação. Assim o leitor atribuirá o sentido que mais lhe agradar. É claro que o conteúdo do poema condiz com o conteúdo do texto em prosa escolhido e usado para desenvolver a ação didática sugerida no livro, pois este fato é que deu ao poema a prioridade de ser escolhido. Mas se lermos o poema sem o fechamento dos sentidos como fazem as ações desenvolvidas no livro, o leitor entrará em contato com uma *nova realidade construída de palavras, que estimulam o vôo da imaginação e que permite conhecer de modo mais atento e cuidadoso à própria realidade vivida pelo homem.* (Paixão p. 8 e 9). Na relação dos elementos que fazem parte do seu conhecimento do mundo, o autor do poema faz com que o leitor relacione mentalmente esses termos significantes e amplie sua visão de mundo em relação ao contexto que vai sendo trabalhado. Partindo de seu mundo conhecível, das coisas próximas do leitor (a casa , a rua, a escola, a mãe, o pai) como no poema em análise, o autor trabalha as palavras fazendo com que mesmo numa situação cotidiana, provoquem uma sensação de sabor diferente para cada um, através do seu ritmo e da sua musicalidade que surgem de acordo com a estrutura do poema, e não é isto o que acontece no livro didático.

Em suma constatamos que, ao texto que abre o capítulo são dadas todas as prioridades, uma vez que, todas as atividades do referido capítulo estão a ele relacionadas, enquanto que o poema é deixado ao livre arbítrio do leitor. Tem como "motivação" ou apresentação o único enunciado: Poesia "Leia com atenção e reflita", não propondo com relação ao poema nenhuma outra atividade: nem de discussão para interação da mensagem ou das mensagens, segundo a visão de cada um, nem de escrita como foi feito com o capítulo de abertura.

Tal procedimento marca o *desprestígio ao poema, no fazer pedagógico da sala de aula, deixando-o em segundo ou terceiro plano*, conforme observou Pinheiro p. 13.

2.º Poema: *A terra não é de um dono só*

O poema *A terra não é de um dono só,* de Eunice Dias e Outros, aparece no livro na página 53, não por acaso, mas por conter um conteúdo que se aplica a um dos objetivos escolares: relembrar datas cívicas. Mesmo estando submetido a situação marginalizada como o primeiro poema já analisado, a sua função no livro é repassar a falsa ideologia de valorização da raça indígena. Sua escolha deve-se ao potencial do seu conteúdo, que possui o sentido cristalizado do que a escola quer passar neste momento. A finalidade atribuída é dar ênfase aos costumes indígenas por terem sido, os índios, os primeiros habitantes do Brasil, fazendo parte desse modos da História Brasileira. Por via disto e em consonância com o texto narrativo

de abertura do capítulo em estudo, que também refere-se ao índio é que o poema foi escolhido.

Analisando também a presença do poema, estando no livro no sétimo capítulo, constatar-se-à que a época em que, a unidade for trabalhada, correspondera mais ou menos a época em que se comemora o *Dia do Índio* (19 de abril) pelo calendário escolar, época em que na escola muitas vezes, cria-se situações para preservar a imagem ideologizada do índio. Esta tendência marca o seu critério seletivo de escolha, dando ao poema o sentido de servir ao leitor apenas como contemplação à data comemorada.

Na mesma página do poema há atividades propostas para pesquisa e composição sobre os Índios brasileiros, direcionando os alunos a escreverem sobre a vida e os costumes indígenas no tempo da colonização e na atualidade. A gravura mostra uma comunidade indígena que não dá para dizer se é antiga ou atual, por causa da paisagem, e das atividades que estão praticando. Tudo que o livro usa, direciona a visão de quem o lê para o sentido pretendido ou seja o repasse da imagem ideologizado.

O conteúdo do texto em sí, se analisado fora de todo o contexto direcionado do livro, não dará a mesma visão com tão grande ênfase, pois o poema, se lido sem as gravuras e fora do livro, tanto poderia se referir ao índio como a um membro de qualquer comunidade mais isolada. Só mesmo um leitor apreensivo, capta e resgata essa tendência valorizada, pois o conhecimento de mundo de um pequeno leitor vai sempre partir de sua realidade e atualidade.

As palavras de relação mais próxima com o leitor, roça e caça, e a ação que está sendo desenvolvida (fraternidade), com certeza, o levariam a pensar em comunidades atuais onde ainda se praticam estes costumes, como em comunidades rurais e dificilmente os levaria a pensar em comunidades indígenas, uma vez que esta, é quase que abstrata para ele.

O sentido de costumes indígenas só ia ser despertado, neste caso, se o leitor atentasse para o título do livro, História dos Povos Indígenas, senão, nada romperia o estado mágico das palavras no poema em sintonia com o conhecimento do leitor. Dividir entre parentes, vizinhos e pessoas necessitadas, a caça, a pesca e a colheita, são costumes primitivos sim, mas para nossas crianças são vistas mais como costumes da classe trabalhadora.

Outro sentido para o qual a escola também pode estar se utilizando do poema para atingir o leitor é a inculcação e preservação de valores, uma vez que a sociedade é formada a partir da divisão de classes e uma classe sempre usufrui da outra em desvantagem. Por traz da idéia de fraternidade, pode estar a intenção de conformismo, evitando assim que a exploração de uma classe por outra seja questionada.

O objeto deste valor que a escola tende a passar ao leitor é a reflexão sobre a bondade e o amor entre as pessoas.

O sentido de partilha que aparenta no texto, tende a ser mostrada pela escola para reforçar a alienação já vivenciada nas comunidades pobres, uma vez que a escola tem a função de *capacitar os menores à transmissão do conhecimento e*

seus meios de manifestação segundo a ótica adulta.(...) Postular como imprescindível a posse de um tipo de saber que a criança não tem, o que, mais uma vez,lhe garante a razão e o poder.(Zilberman p.20. e comporta-se como uma das instituições encarregadas da conquista de todo o jovem para a ideologia que a sustenta, por ser a que suporta o *funcionamento do Estado e da Sociedade.* Idem. p.19. Como para a classe dominante, o importante é manter o povo distanciado das denúncias, sem capacidade para perceber quando são injustiçados ou não pelo sistema vigente, a escola que é uma das instituições que contribui com o sistema, transforma o discurso literário dos poemas em discurso predominantemente utilitário, com fins moralizantes para que aceite a vivência estabelecida pelos sistemas sociais e não sirva como ameaça.

As vantagens e desvantagens em relação ao enunciado, que serve de introdução ao poema, o valor atribuído ao texto de abertura e o desprestígio frente ao trabalho com o poema são os mesmos referidos ao primeiro poema analisado assim como também são as mesmas as rupturas da linguagem poética frente a linguagem prática utilizada pelo livro.

Tudo isso, reflete mais uma vez, a marginalização dada ao poema no cotidiano da sala de aula, onde os critérios estéticos da escolha caem no *didatismo emburrecedor e no moralismo que sobrepõe à qualidade estética determinados valores.* Pinheiro p.15.

3º Poema: *O Girassol*

Como mencionamos na introdução a esta análise, o poema O girassol de Elias José, faz parte do tópico intitulado Criatividade e está destinado a duas finalidades: uma teórica e outra recreativa.

A finalidade teórica atribuída ao poema, faz dele um pretexto para ensinar o conceito de suas próprias estruturas (verso, estrofe, rima e até mesmo o conceito de poesia) que segundo Turchi p. 41 é desnecessário no ensino de primeiro grau.

Esta tendência da escola em trabalhar a estrutura do poema, por um lado impede um trabalho criativo com o mesmo e por outro neutraliza a própria ação didática a ele atribuída, pois nos currículos escolares de primeira a quarta série, este conteúdo não tem nenhuma apreciação. Como a tendência do profissional em educação é cumprir com o currículo que já é bastante cheio, pouca ou nenhuma importância dará a esta atividade.

A finalidade recreativa atribuída ao poema refere-se à leitura e à declamação do mesmo. Mas a expressão Leia com atenção até agora utilizada em todas as atividades propostas nos enunciados de leitura dos poemas, desmotiva a leitura prazeirosa que a poesia pode proporcionar.

Desconsiderando a expressão com atenção, o restante do enunciado Leia a poesia, e declame-a com seus colegas, condiz com a leitura lúdica do poema

segundo Turchi. Para esta finalidade a criança terá que ler e reler o poema para poder declamar, e assim ao ler e reler, ela entrará em contato com a intimidade das palavras e sentirá o ritmo, a repetição, a rima, a força das palavras e das imagens que resultarão em sensação de prazer.

Ao declamar, a criança entra em sintonia com os sons que desperta nela o encanto causado pela musicalidade do poema. Esses sons repetitivos das rimas, possibilita a organização do mundo que ela quer fantasiar no momento de sua leitura. *Dessa forma a linguagem poética cumpre de maneira radical e criadora sua função simbólica.*(Paixão, p.32).

O cenário apresentado na gravura que ilustra o texto é contraditório ao conteúdo do poema, porque o espaço geográfico nele representado passa uma visão mais rural do que urbana, contrariando o poema que logo em seu 1° verso passa uma imagem urbana: *O girassol de minha rua.* Este enfoque contraditório pode reduzir ou servir de auxílio à contradição que também há no poema (rua x noite escura x lua), numa noite escura praticamente não há lua. Na gravura (céu estrelado x escuro x lua x paisagem) tudo é muito contraditório a uma situação real.

No desenrolar do poema, usando palavras de sentido natural e bastante singular, o autor conduz o pensamento do leitor a um desfecho sensível da realidade. Neste contexto que trata de relação amorosas, entre dois seres de espécies diferente (plantas x astro), o autor pode estar subjetivamente colocando as palavras num contexto diferente do normal, querendo comunicar algo mais que o concreto, num momento histórico da sociedade.

O girassol da minha rua, numa noite sem dormir.
A noite ele se encanta enfeita-se, dança e canta.

Estas palavras, podem ter sido utilizadas pelo autor com a intenção de servir com o mediadoras das atividades humanas. São elos que atribuem sentidos históricos ao poema, frente às práticas sociais.

O comportamento atribuído ao girassol com característica humana, a mudança de nome girassol para giralua sugerem situações de transformação tal como ocorrem na sociedade, Uma vez que a função do poeta é *atentar-nos para a reflexão da vida e da prática social.* Cunha p.124.

Estes sentidos que permeiam a leitura do poema e que só um leitor mais perspicaz consegue detectá-los, não precisam ser explorados com a criança. O importante de se trabalhar o poema com elas é despertar-lhes o gosto pela leitura pois segundo Rezende, a criança possui natureza lúdica, que a faz conceber com o ineditismo da sua fantasia, as realidades e o reconhecimento de tudo *com o olhar de primeira vez* e assim elas próprias descobrem o mundo dando-lhes sentidos próprios e mágicos. (p. 131)

Como visto, este poema foi utilizado no livro para finalidades didáticas. O seu conteúdo foi usado como pretexto ao ensino de suas próprias estruturas, ou seja, rimas, metrificações, etc. A essência estética, reduziu-se a *conceitos exatos*,

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

podando o direito da criança fantasia a situação, com os sentidos dado pelo seu universo infantil.

4º Poema: *São Francisco*

O poema São Francisco, de Vinícius de Morais, aparece na p/133, como antepenúltimo capítulo da parte do livro que trata da Língua Portuguesa. Entre os quatro poemas existentes no livro, este é o único que aparece com as mesmas finalidades dos textos narrativos. Este poema, serve de abertura ao décimo nono capítulo em estudo e como todos os textos que estão submetidos a esta finalidade, serve no livro, como pretexto aos aspectos conteudísticos a serem ensinados e que estão divididos em Vocabulário, Interpretação, Gramática e Criatividade.

A gravura que ilustra o texto, retrata a ideologia atribuída à personagem: a roupagem, os pés descalços, a criança ao colo, passarinhos, surrão. Só a fisionomia não condiz com a ação explícita no poema. As expressões *Fazendo festa no menininho e contanto história pros passarinhos* refletem situações de alegria e na ilustração o rosto demostrado é triste, como se não estivesse satisfeito com a vida.

O estudo do vocabulário fez destaque a três substantivos: moinho, ribeirinho e surrão aos quais foram dados significados normais como nos dicionários. Em outro momento, o estudo do vocabulário utiliza-se de partes da 2º e da 3º estrofes para que sejam formadas frases com as expressões destacadas Levando nada e Fazendo festa e também utiliza-se das palavras que servem ao emprego de antônimos.

O *estudo do vocabulário* de um poema segundo (Cunha p.121) não deve ser trabalhado com a criança, pois este possui significado *minuncioso e sua tradução é cuidadosa*. No livro didático o vocabulário é trabalhado como aumento de conhecimento do real e no campo poético o seu significado é ambíguo, podendo estar ali com outro significado diferente do real, que só pode ser compreendido dentro do contexto.

As interpretações atribuídas ao poema são de três níveis interpretativos. Em um conjunto de seis exercícios, três são para relembrar estruturas do poema (autor, estrofes e versos) que foram conceituados, pelo livro, no poema anterior. Dois são usados para interpretações mecânicas. Interpretações que não despertam a imaginação, pois as respostas encontram-se no texto é só saber decodificar os códigos da escrita. Um deles nem é preciso procurar no texto, pois as respostas estão colocadas no próprio exercício é só relacionar as ações de acordo com o que foi lido no texto anteriormente.

Este tipo de interpretação, avalia unicamente a leitura de compreensão dos códigos gráficos, que diz respeito somente à estrutura textual e não a leitura do

sentido, porque esta só existe na profundidade das relações contidas entre o real e o imaginário e revela sempre uma percepção subjetiva da realidade.

O sexto exercício é uma interpretação simulada. Na atividade proposta, a criança fará um trabalho imaginário, mas direcionado, com situações que se referem à personagem.

> *São Francisco foi um homem que nasceu na Itália há muitos anos. Pela poesia, você deve ter percebido que ele era um homem simples que gostava muito da natureza. Escreva como você imagina São Francisco: Como se vestia? O que comia? Ele era triste ou feliz? Porque?*

Esta apresentação fecha qualquer outra visão, que a criança em contato com o poema e com a situação vivenciada por ela, pudesse refletir. Sua visão de mundo foi subestimada e corrompida pela ideologia a que o livro didático está submetido. O sentido do poema em relação ao social, que tem situações semelhantes, não é sequer mencionado. Mostra apenas *o lado perfeito da vida*: a simplicidade como dom de Deus e o amor pela natureza como forma de conformismo e aceitação através de uma vida de fé.

A sintonia da poesia para apreciação do lúdico, a construção organizada das palavras para proporcionar musicalidade, beleza e prazer foram reduzidos a conceitos exatos. Todo este arranjo feito com as palavras para oferecer ao leitor uma sensação de intimidade, retratar e criar experiências novas e de coloridos diversos, não representa no trabalho que o livro atribui ao poema, o significado real e imediato. A intenção fundamental da poesia portanto foi bloqueada, pelo resumo da atividade proposta... *ele era um homem simples que gostava muito da natureza...*

A finalidade atribuída para o ensino da gramática deve-se à presença do conteúdo a ser estudado *Preposição e Crase*. Dada a grande frequência das referidas preposições no poema, pela necessidade de ligar os versos é que este conteúdo gramatical, foi muito utilizado pelo autor. Devido a elas, o poema até parece uma onda que vai e vem. Esta finalidade, marca a critério de escolha ao qual foi submetido o poema. Não foi escolhido pelo valor literário, nem pela beleza de sua composição ou por acaso. Foi escolhido pela contribuição, dada ao conteúdo a ser estudado.

O fechamento desta unidade, como todas as outras, faz-se com destaque à Criatividade (discussão, composição, relatos,...). Esta faz-se com os seguintes critérios: Hora da discussão, composição e cartaz. O tema a ser discutido é o amor. *Devemos amar a natureza , as pessoas que nos rodeiam e nossa própria vida.* Com base nas atitudes da personagem (São Francisco) é que acontece a discussão.

Este sentido escolhido pela escola é o que mais convém à sociedade na qual ela está inserida. Os outros sentidos que denunciam o lado de desconsideração para com a classe menos favorecida, não são postos em discussão porque vão contra

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

as normas e valores da classe dominante com a qual comunga a escola. Portanto são essas as relações de contrariedade entre a escola e a vida, conforme comenta a autora Zilberman.

V - Considerações Finais

Após procedida a análise, verifiquei através das atividades atribuídas aos poemas, no livro em questão, que os mesmos servem apenas ao repasse de informações específicas, tais como: leitura informativa com a finalidade de reforçar uma idéia apresentada; interpretações mecânicas que fecham com o sentido sugerido no livro; atividades gramaticais cuja finalidade é ensinar conteúdo, estudo de vocabulário para reforçar conhecimento de palavras.

Percebe-se, que se os poemas não possibilitassem o repasse de tais informações de cunho instrutivo, necessário ao sistema educacional organizado pela burguesia, para atender aos interesses desta, não seriam escolhidos para fazerem parte deste livro. Nota-se, através das atividades trabalhadas em cada poema que estes ora servem de fechamento ao capítulo em estudo, por oferecerem um conteúdo que reforça as mesmas idéias do texto de abertura; ora servem de acessórios a aplicação das referidas atividades instrutivas.

O sentido dos discursos contidos nos poemas do livro didático são reduzidos a um número limitado de interpretações tidas como corretas. O que prevalece nas concepções e atividades propostas nos livros reforçam o processo de manipulação da criança através da escola, que *é uma das instituições encarregadas da conquista de todo jovem para a ideologia que a sustenta, por ser a que suporta o funcionamento do Estado e da Sociedade.* (Zilberman, 1991. 19)

Para manter esta manipulação a classe dominante, desconsidera a poeticidade do discurso literário, para fazer prevalecer o seu próprio discurso e o consenso estabelecido pela ideologia dominante, a qual Yunes e Pondé, consideram a

> *responsável pela imagem de homogeneidade e unidade dos valores sociais. Como, entretanto, há diferentes classes e interesses em jogo, um único discurso ideológico falseia a realidade, porque pretende unificar as diversas faces da verdade.* (19. 37)

Tendo a intenção de unificar os discursos do poema num só, a escola trabalha apenas a parte que fortalece e propaga a ideologia dominante que ela representa. Para isto ela transforma o discurso do texto literário num discurso utilitário composto de conceitos e princípios formais, porque assim não se alteram os valores desta classe dona do poder.

A escola, embora diga ter o intuito de preparar o indivíduo *para a vida* não o faz, uma vez que não trabalha as relações de subjetividade do poema. Não abre espaço para discussão ou questionamento aos conflitos que persistem no plano coletivo e assim omite o social, aspecto fundamental da preparação para a vida.

Para não criar essas situações ela inverte o *processo verdadeiro com que o indivíduo vivencia o mundo* e introduz no seu lugar o processo normativo. Neste processo o professor, tido como centro de todas as atenções, se apropria do livro didático e faz deste um símbolo do conhecimento. Como um alienado ao sistema, nem se dá conta da sua contribuição ao usá-lo.

É com base nisto que Drumond in Rezende, questiona o papel da escola frente a *educação do ser poético* em relação aos estudos sistemáticos que esta impõe ao indivíduo. A escola é a instituição social que mais corrói o instinto poético da infância. Tal instinto *vai perecendo à proporção que o estudo sistemático se desenvolve até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida.* Desse modo ao trabalhar com o indivíduo *a escola, não repara no seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo.*

As atividades propostas no livro para estudo dos poemas, não contribuem em nada para a educação do ser poético. O contato do leitor com o texto, que seria para apreciação e gosto é reduzido a atividades que neutralizam a essência do poema. São atividades que não auxiliam os leitores em sua prática vivencial e segundo Cunha, também, não *educam para a apreciação para a vida* e são usadas no livro, apenas com o intuito de assegurar regras e padrões de uma vivência já estabelecida, não para confrontar a vivência e a realidade.

Para sustentar esta estabilidade é preciso que não se construa indivíduos pensantes. Por isso a *escola mantém relações de contrariedade com a vida, omitindo o social e introduzindo em seu lugar o normativo (o dever substituindo o fato real).* (Zilberman. 19). Como para a classe dominante, o mais importante é manter o povo desatento aos seus ideais de ascensão, esta bloqueia o sentido do poema, usando uma listagem de conteúdo *com funções descabidas* como diz Cunha, para ocultar as condições históricas que permeiam a subjetividade do poema. Exploram somente o que há de mais prático e útil aos seus objetivos. Faz-se isso para que o leitor não participe da produção de sentidos que o poema permite e para que este também não atente o leitor para uma visão mais ampla, capaz de gerar inúmeras significações a cada nova leitura.

O poema só é capaz de gerar essa diversidade de sentidos, se o modo como ele entrar na escola for especial. Segundo Resende *...a poesia deve entrar na escola(...) sem revestir-se de nada que soe como extraordinário nem tão pouco submeter-se a finalidades redutoras da essência estética. (Cunha. 130).* Se os poemas forem usados com objetivos consoantes à ideologia burguesa, como acontece no espaço pedagógico, eles ficam *distanciados do sentido que esteja de acordo com a fruição pura e verdadeira* e gera apenas o sentido único que unifica as diversas faces da verdade, como já citado.

Por se tratar de um sistema que se fecha em si, para não entrar em contradição com os valores burgueses, a escola desvia, como já dito, o sentido da linguagem poética, que como toda linguagem literária atua como instrumento de reflexão da vida humana e da vivência social. Para manter este distanciamento

indiferente à realidade da vida e à reflexão que a poesia causa no leitor, a escola permanece como um espaço separado da coletividade, faz uso dos poemas como algo pronto, acabado e fechado aos sentidos adversos a seu interesse.

A prática de leitura com os poemas, não possibilita a constituição de todo o processo que esta envolve ou seja não proporciona todas as formas de leitura existentes: leitura de vida, leitura da palavra e leitura de mundo. Dentre estas formas de leitura, a escola utiliza a leitura da palavra, porque esta possui a visão que favorece o objetivo da classe dominante uma vez que não proporciona uma compreensão maior do mundo.

O livro didático está condicionado ao modelo que sempre deu continuidade à programação do sistema *tal qual é* e conseqüentemente está organizado para propagar um sistema de produção instaurado pela força da dominação fazendo com que as pessoas ajam da mesma maneira como sempre foram induzidas a viver. Acreditando nas mesmas ideologias com as quais comungaram nossos antepassados. *Num certo sentido, as ideologias organizam as massas humanas - enquanto historicamente necessárias - e funcionam com um verdadeiro inconsciente cultural.* (Cunha, 19)

As atividades inseridas nos poemas no livro didático, voltam-se só para aspectos externos do texto (estudo de matérias ou aspectos conteudísticos, respondendo quantos versos, quantas estrofes, etc.) que revelam o objetivo que a escola tem em *ensinar* em vez de *educar para a apreciação por caminhos cuidadosos e coerentes que sensibilizam a alma infantil, onde a riqueza da potencialidade lúdica da poesia encontra ressonância imediata.* (Rezende, 19) A criança por possuir *uma alma poética* (Jesualdo in Rezende) não se interessa em dar nomes, nem reconhecer aspectos teóricos, o que ela quer é brincar com a emoção que a poesia lhe causa e fantasiar na sua mente a imagem que o sentido lhe sugerir.

Nessas observações, vê-se que além do *desprestígio* a poesia no fazer pedagógico da *sala de aula,* dos, *problemas graves no trato quando existe o contato com esta* ainda vê-se que *os textos em prosa tem mais prioridades, Embora o acesso a essas obras não seja tão difícil.* Tais citações feitas por Pinheiros, (1995. 13-14) condiz com a observação feita ao livro na introdução à análise. Entre os vinte textos que compõem o sumário e entre os quatro poemas que estão contidos no livro, de uma forma ou de outra, apenas um poema é utilizado como texto principal do livro, isto é, texto de abertura ao capítulo em estudo, que coabita aos padrões da organização condizente a todos. Os outros foram deixados, como diz o autor citado, *a segundo ou terceiro plano.*

Reforçando essas observações de descaso com a poesia, outros autores também comentam esta incoerência, entre eles, Cunha assim se manifesta: *As indisposições sobre a poesia vão progredindo - e dos primeiros anos até a Universidade ela é um acessório. Aparece às vezes e com funções descabidas.* (1991 .121)

Essa observação não só reforça a citação, como também tem tudo a ver com a análise trabalhada. Nela todos os poemas estão submetidos a finalidades *redutoras da essência estética.* Como se o aluno precisasse entender o poema e

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

como se a função deste fosse servir como pretexto ao ensino de finalidades práticas da linguagem, vocabulário, e, todos os aspectos já referidos no início, *Tais preocupações são falhas no trabalho com o poema,* sugere a autora citada anteriormente. O que é preciso trabalhar no poema, é a sensibilidade deste. Caso contrário, as indisposições para com a poesia só irão aumentar.

Tudo o que foi analisado neste trabalho faz pensar na função do livro didático, como produto de uma sociedade capitalista e patrocinadora da expansão e do aperfeiçoamento do sistema escolar. Uma vez que o livro didático não foge às regras e as normas desta classe, servindo de manifestador dos ideais que regem a conduta da camada no poder é preciso não só refletir sobre esta função manipuladora e alienada ao sistema imposto, mas sim como formador da mente humana.

Sendo a escola incumbida de repassar os valores desta classe ao estudante, *seduzindo-o para a imagem que a sociedade quer que assuma (...) cuja alternativa encontra-se na adoção dos valores vigentes,* e sendo o poema, um desafiador da mente humana, *que permite conhecer de modo mais atento e cuidadoso a própria realidade vivida pelo homem* da qual a escola se distancia fechando-se em si mesma, e, estando o poema *longe de comunicar qualquer informação didática* (Paixão, 1991. 9), como discutir o poema no livro didático, sendo que este se presta como um agente mediador de conhecimentos sistematizados apenas por uma classe? Como discutir a finalidade do poema dentro da sua função prazeirosa se para o sistema educacional que prevalece, diz ser *a sala de aula um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura (grifo meu) ... não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade? (* Zilberman, 1991.14)

Uma vez que o poema é dotado de um corpo composto de informações fantasiosas, que transmitem de forma lúdica *uma visão diferente daquilo que nos cerca,* mas com capacidade de *transformar a fantasia em realidade* (Pinheiro, 1995.19), como pensarmos na função da literatura, principalmente na função social da poesia, diante da função atribuída pela escola? Tais questionamentos me levaram a refletir sobre o poema, a poesia e o trabalho realizado com eles em sala de aula.

Através destas reflexões e nos aprofundamentos teóricos, percebi que é dessa maneira ou seja pela reflexão que as idéias tomam forma e passam a ter sentido.

Nesse processo, penso que é importante fazer valer a pesquisa como forma de neutralizar as forças que generalizam a vivência humana, uma vez que o trabalho com o poema no livro didático tal como é feito não contribui em nada para a formação do leitor. Não lhe dá dignidade de raciocinar livremente para *criar* como um ser poético que é desde a infância e não lhe permite fazer valer seus princípios de vida e sua vivência, sem interferência de gente interessada.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, MARTINS, Maria Helena Pires; Filosofando - São Paulo. Moderna, 1986

CUNHA, Maria Antomita Antunes; Literatura Infantil; Teoria e Prática. São Paulo. Ática, 1991. 12.ª ed.

LYRA, Pedro, Conceito de Poesia ; São Paulo. Ática S. A, 1986

FARAH, Terezinha J. Franco; Prática da Literatura Infantil na Escola Primária. São Paulo. IBEP.

PAIXÃO, Fernando; O que é poesia . São Paulo. Brasiliense, 1991. 6.ª ed.

PAULINHO, Groça, WALTY, Ivety; Teoria da Literatura na Escola. B.H. EDJEME, 1992

PINHEIRO, Helder. Poesia na sala de aula. João Pessoa. Idéia, 1995

REZENDE, Vânia Maria. Literatura Infantil e Juvenil. S. P. Ática, 1989

TURCHI, Maria Zaira; (Co-autora). S.P. Revista Per Lim Pim Pim, 1989.

ZILBERMAN, Regina. A Literatura Infantil na Escola. S. P. Global, 1981. 9.ª ed.

YUNES, Eliana, PONDÉ, Glória; Literaturas e Leituras da Literatura Infantil. S. P. FTD, 1989

VII - ANEXOS

Mímica

Imagine que você está em um outro planeta ou num país estrangeiro e desconhece o idioma local. Mostre a seus colegas que mímicas você faria para:

a) pedir para ir ao banheiro, pois está apertado;

b) dizer que está com sono e precisa de uma cama;

c) dizer que está com fome e quer comer uma gostosa macarronada.

Poesia

Leia com atenção e reflita:

ESSE PEQUENO MUNDO

Sei que o mundo é mais que a casa,
mais que a rua, mais que a escola,
mais que a mãe e mais que o pai.

Vai além do horizonte,
que eu desenho no caderno,
como linha reta e preta,
que separa azul de verde.

Sei que é muito, sei que é grande,
sei que é cheio, sei que é vasto.

Me disseram que é uma bola,
que flutua pelo espaço,
atirada pelo chute
de um gigante poderoso;
vai direto para um gol,
que ninguém sabe onde é.

Mas pra mim o que mais conta
é este mundo que eu conheço
e que cabe direitinho
bem debaixo do meu pé.

Pedro Bandeira. **Cavalgando o arco-íris**. São Paulo, Moderna, 1984.

Pesquisa - Composição: Índios brasileiros

Faça uma pesquisa e escreva uma composição sobre a vida dos índios:

- **Os índios no tempo da colonização**

Onde viviam? De que se alimentavam? O que vestiam? Qual era o trabalho dos homens? Qual era o trabalho das mulheres? Quais eram suas diversões? Como eram educadas as crianças?

Não se esqueça de citar a escravidão e o extermínio dos índios pelos colonizadores.

- **Os índios na atualidade**

Onde vivem? De que se alimentam? O que vestem?, etc.

Não se esqueça de mencionar o problema da invasão das terras indígenas por fazendeiros e garimpeiros e o problema das doenças transmitidas aos índios pelos "civilizados" que têm dizimado tribos inteiras.

Leia com atenção e reflita

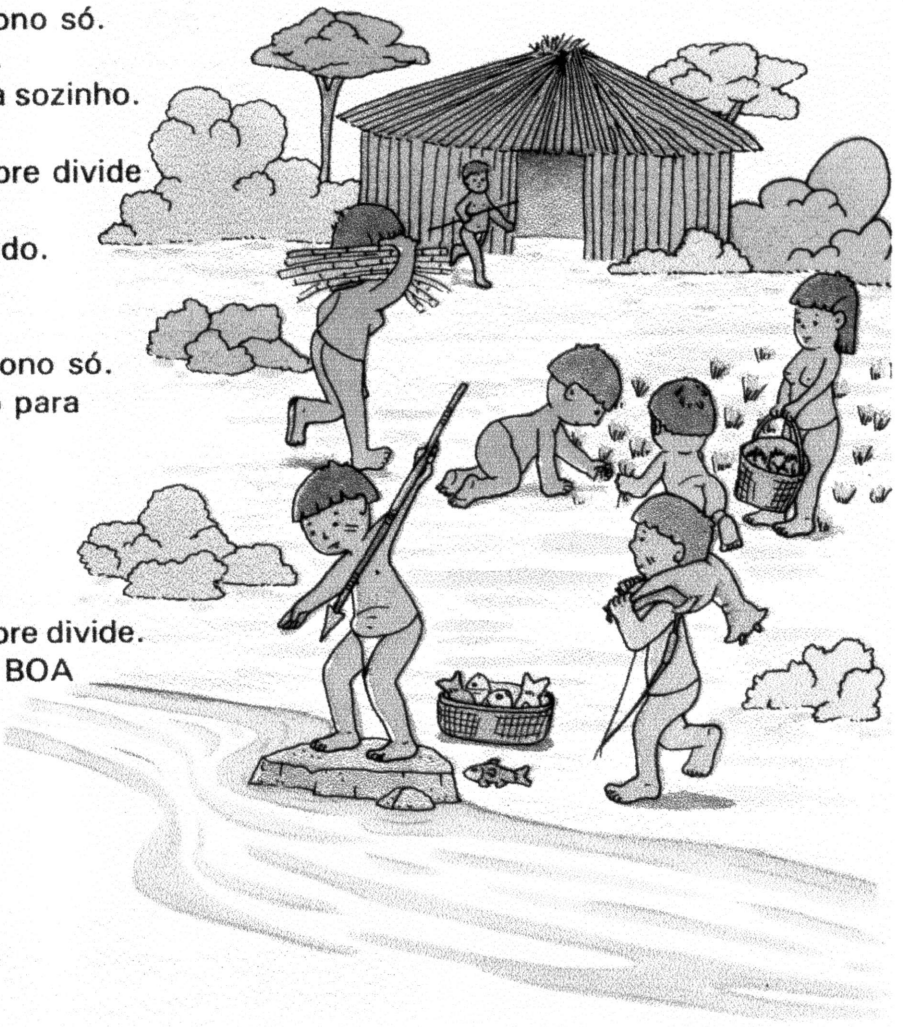
A terra não é de um dono só

A roça também não é de um dono só.
Ninguém faz uma roça sozinho.
Ninguém come as coisas da roça sozinho.

As coisas da roça a gente sempre divide com os parentes.
Divide com quem está precisando.
Cada povo divide de um jeito.

A caça também não é de um dono só.
Quando alguém mata um bicho para comer, ele não come sozinho.
Ele sempre divide.

Quando mata peixe, divide.
Quando faz comida, divide.
Quando faz bebida, divide. Sempre divide.
NO NOSSO COSTUME GENTE BOA
SEMPRE DIVIDE.



Eunice Dias de Paula e outros. **História dos povos indígenas**. Petrópolis, Vozes & CIMI, 1986.

Poesia

Leia a poesia com atenção e declame-a com seus colegas:

O girassol

estrofe
O girassol de minha rua,
numa noite sem dormir,
numa noite muito escura,
viu a lua sorrir.

versos

estrofe
O girassol ficou gira
e gira, gira que gira,
mas de noite, não de dia.

estrofe
O sol, com tanta luz,
já não o seduz.
Vive quieto o dia inteiro
muito triste e cabreiro.

estrofe
À noite ele se encanta,
enfeita-se, dança e canta.
E a lua também enfeitiçada
faz caprichos de namorada.

estrofe
O girassol de minha rua
agora virou giralua.



Elias José. **Um pouco de tudo: de bichos, de gente, de flores**. São Paulo, Paulinas, 1982.

Poesia é uma forma criativa de expressar sentimentos e pensamentos.

A poesia é composta de versos e estrofes.

Verso é o nome que recebe cada linha de uma poesia e **estrofe** é um conjunto de versos. As estrofes são separadas por um pequeno espaço.

Geralmente há rimas no final dos versos, ou seja, semelhança de sons. Observe algumas rimas da poesia acima:

dormir e **sorrir**, **luz** e **seduz**, **inteiro** e **cabreiro**, **rua** e **giralua**

Pesquise e copie uma poesia. Depois, identifique as rimas e diga quantos versos e estrofes há nessa poesia.

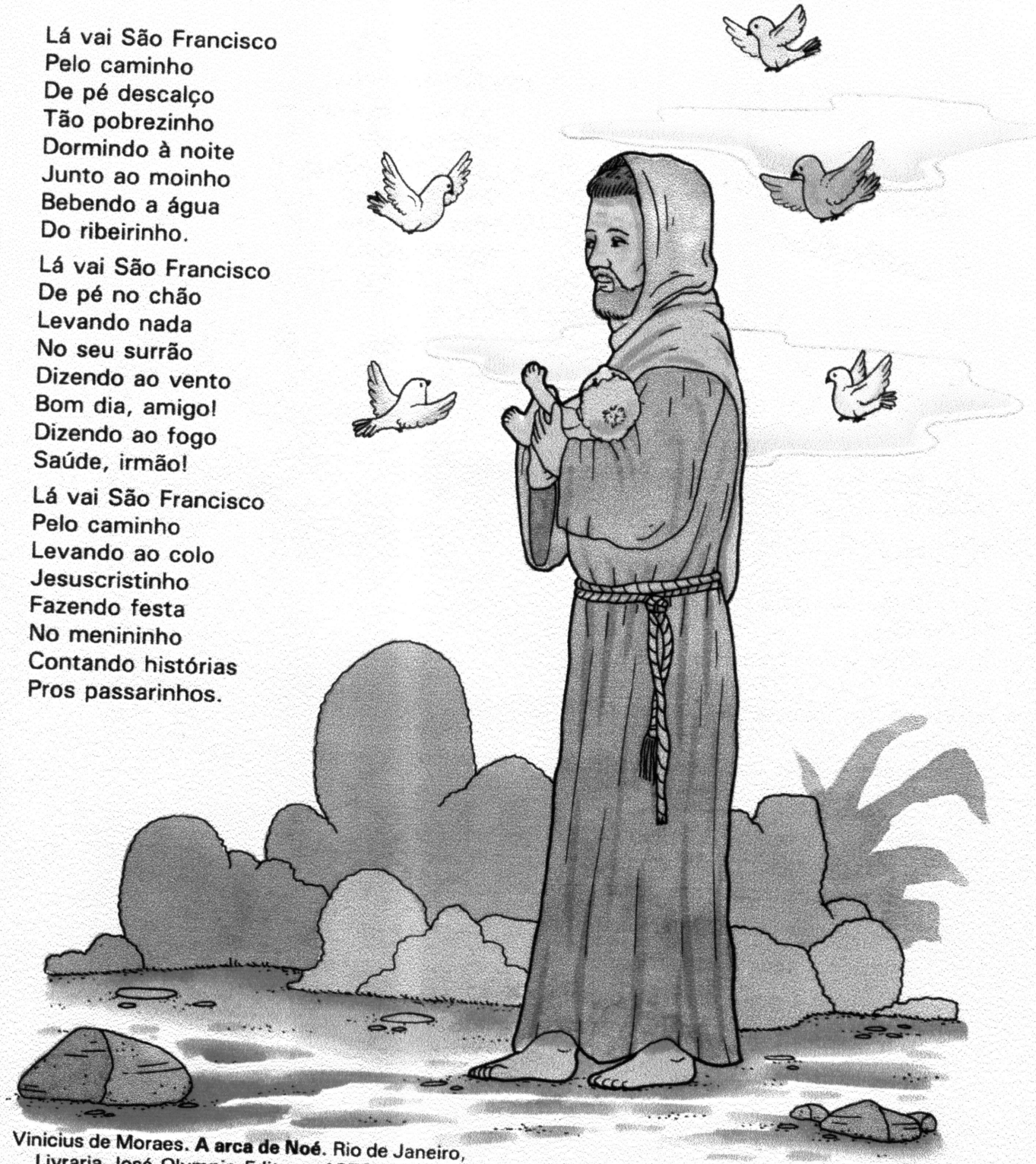
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

São Francisco

Lá vai São Francisco
Pelo caminho
De pé descalço
Tão pobrezinho
Dormindo à noite
Junto ao moinho
Bebendo a água
Do ribeirinho.

Lá vai São Francisco
De pé no chão
Levando nada
No seu surrão
Dizendo ao vento
Bom dia, amigo!
Dizendo ao fogo
Saúde, irmão!

Lá vai São Francisco
Pelo caminho
Levando ao colo
Jesuscristinho
Fazendo festa
No menininho
Contando histórias
Pros passarinhos.



Vinicius de Moraes. **A arca de Noé.** Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1970.

Vocabulário

moinho: máquina que serve para moer grãos de cereais. Ela pode ser movida por vento, queda-d'água, animais ou motor

ribeirinho: rio pequeno; riacho

surrão: bolsa ou saco de couro usado por pastores para carregar alimentos

1. Forme uma frase para cada expressão destacada nas estrofes:

"Lá vai São Francisco
De pé no chão
Levando nada
No seu surrão."

"Lá vai São Francisco
Pelo caminho
Levando ao colo
Jesuscristinho
Fazendo festa
No menininho."

2. Dê o antônimo das palavras utilizando o prefixo **des**:

a) calçado
b) avisado
c) organizado
d) grudado
e) impedido
f) ocupado
g) regulado
h) obediente

Interpretação

1. Quem é o autor da poesia?

2. Quantas estrofes a poesia possui?

3. Quantos versos possui cada estrofe?

4. O que São Francisco diz ao vento? E ao fogo?

5. Complete a frase com as alternativas que estiverem de acordo com o texto:

São Francisco ia pelo caminho:

a) contando histórias para os passarinhos.
b) distribuindo dinheiro para todos.
c) bebendo a água do ribeirinho.
d) dormindo à noite junto ao moinho.
e) levando o surrão bem cheio.
f) levando ao colo Jesuscristinho.



6. São Francisco foi um homem que viveu na Itália há muitos anos. Pela poesia, você deve ter percebido que ele era um homem simples que gostava muito da natureza. Escreva como você imagina São Francisco: Como se vestia? O que comia? Ele era triste ou feliz? Por quê?

Preposição e crase



Lá vai São Francisco **pelo** caminho.
Levando nada **no** seu surrão.
Lá vai São Francisco **de** pé descalço.
Levando **ao** colo Jesuscristinho.
Contando histórias **pros** passarinhos.

- A palavra **de** é uma preposição.

Preposição é uma palavra que faz a ligação de outras duas palavras, estabelecendo entre elas uma relação.

São preposições: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

- A palavra **ao** é uma combinação.

Combinação é a ligação de: a + o = ao; a + os = aos; a + onde = aonde.

- As palavras **pelo** (per + o), **no** (em + o) e **daquele** (de + aquele) são contrações.

Contração é a ligação de uma preposição com outra palavra, havendo a perda de um fonema ou som.

Exemplos de contrações:

preposição + palavra	preposição + palavra	preposição + palavra
de + a → da	de + isto → disto	em + esse → nesse
de + o → do	de + aquilo → daquilo	em + isso → nisso
de + ele → dele	de + aquele → daquele	em + isto → nisto
de + ela → dela	de + aí → daí	em + aquilo → naquilo
de + esse → desse	de + ali → dali	em + aquele → naquele
de + essa → dessa	de + onde → donde	em + ele → nele
de + isso → disso	em + o → no	em + ela → nela
de + este → deste	em + a → na	per + o → pelo
de + esta → desta	em + um → num	per + a → pela

Atenção, agora, para esta frase:

São Francisco dorme **à** noite junto ao moinho.
a + a

Algumas vezes temos de unir a preposição **a** e o artigo **a** em um só **a**.
Então ocorre a **crase** e empregamos o **acento grave** sobre o **a**.

Hora da discussão

Amor

Devemos amar a natureza, as pessoas que nos rodeiam e nossa própria vida.

a) Que atitudes de São Francisco descritas na poesia demonstram que ele amava a natureza?

b) Que pessoas você mais ama? Por quê?

c) Quais são os comportamentos de uma pessoa que ama:

- a natureza?
- outra pessoa?
- sua própria vida?

d) Você já se sentiu amado(a)? Conte como foi essa experiência.

Composição

O texto sobre São Francisco está escrito em forma de poesia. Transforme-o em prosa, isto é, reescreva-o contando o que ele transmite sem versos, sem rimas e estrofes. Exemplo: São Francisco ia descalço pelo caminho. Ele era muito pobre...

Cartão

Todas as pessoas gostam de ser amadas e lembradas.

Nós podemos demonstrar nosso amor por alguém muito querido enviando-lhe cartões de aniversário, Páscoa, Natal, Ano Novo...

Faça cartões para as pessoas que você ama com mensagens de amizade, carinho ou agradecimento por algo recebido.

Seja bastante criativo. Utilize cartolina, papel sulfite, papéis coloridos, lápis de cor, lantejoulas e outros materiais que desejar.

Veja o modelo abaixo e observe o que deve conter um cartão:

